



AS PERSPECTIVAS DE UM BOLSISTA DO PIBID DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE GÊNERO NA ESCOLA

Marcelo Alberto de Oliveira
Universidade Federal do Paraná
marcelokan@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: relações de gênero; sexualidade; educação física escolar; perspectivas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa expor a experiência obtida em aulas de Educação Física de um bolsista do PIBID em duas escolas da cidade de Curitiba, Paraná. Apoiando em estudos de Gênero e Sexualidade observou que há elementos que merecem serem trabalhados pedagogicamente pelo professor/a. Comportamentos de alunos/as que cotidianamente no cenário escolar são evidenciados como: bullying, racismo, homofobia, frases estereotipadas, agressões desencadeadas por motivos fúteis e educação. Estes podem ser desconstruídos ou minimizados através de uma intervenção do professor de uma maneira que faça os alunos refletir em um primeiro momento.

O discurso da beleza atinge meninos e meninas na sociedade atual. Contudo, as meninas são amplamente cobradas e há uma responsabilidade no sentido de cumprir com os cuidados corporais para se manter nos padrões de feminilidade com o intuito de demarcar e produzir corpos. A família, a mídia, enfim as instituições sociais cobram um modo de ser feminino que controla o feminino, a beleza e a erotização dos corpos. Mesmo com as lutas oriundas dos movimentos feministas, as mulheres ainda enfrentam resistências para viver com liberdade o feminino, para usufruir a diferença de ser mulher. Isto quer dizer que na sociedade androcêntrica, os valores predominantes são os valores patriarcais que possuem homens e mulheres educados desde esta perspectiva. Mesmo com a emancipação, as mulheres ainda enfrentam discriminações diárias no trabalho, na escola, na família, etc.

No esporte não é diferente. As mulheres alcançaram visibilidade, participam das várias instâncias sociais, mas ainda são educadas para cumprir com os desígnios da natureza do feminino, isto é, ser mãe, dedicadas ao âmbito doméstico, belas, atraentes. No esporte entra em cena agentes sociais diversos, como os médicos/as, educadores/as, assistentes sociais. É uma história em que os ganhos da visibilidade feminina são evidentes e que esbarra, muitas vezes, na noção de feminilidade imposta.

OBJETIVOS

Dos objetivos principais deste trabalho é expor a experiência obtida para que sejam problematizadas questões referentes a gênero e sexualidade na escola. Este assunto, pouco tratado no cenário escolar merece seu reconhecimento, pois dele advém inúmeras manifestações comportamentais que professores não sabem lidar.

METODOLOGIA

Nesta experiência improvisamos uma performance com os/as bolsistas do projeto em uma das escolas com o intuito de chocar as meninas e meninos com os quais trabalhamos. Estes/as reconheceram as ações representadas e inclusive se reconheceram nos gestos representados. Esta forma de trabalho foi importante porque possibilitou o diálogo com os meninos e as meninas sobre as situações cotidianas. Na sequência trabalhamos com propaganda e slides sobre a mulher na mídia e no esporte o que ampliou a visão dos/as envolvidos/as nas relações dos sexos e entre os sexos. Discutimos sobre as possibilidades femininas e masculinas na sociedade e o qual era a visão deles e delas sobre estas representações do feminino e masculino para adentrar na temática da mulher no esporte. A seguir confeccionamos cartazes sobre a Mulher no Esporte enfocando quais esportes as mulheres participam para relacionar as práticas às perspectivas das alunas e para o reconhecimento dos alunos. E, também, aconteceu uma vivência do Karatê com os Jogos de Oposição, trazendo ao cenário escolar uma atividade que englobasse o contato físico com problematização.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Trabalhar a questão de gênero é um desafio para o professor, pois nele a um emaranhado de crenças e costumes que advém da própria sociedade. Daolio sustenta que um professor de Educação Física deve:

Compreender que o corpo não é apenas determinado biologicamente, mas construído culturalmente por causa de valores sociais, poderão concluir que o corpo não está pronto e talvez nunca esteja. Se, por um lado, há um patrimônio biológico que sempre apresentou diferenças entre homens e mulheres, por outro lado, há uma contínua transformação no uso social desses corpos, uso esse que não precisa necessariamente gerar diferenças tão gritantes. Resta saber se o professor/a está atento/a a essa importante tarefa. (DAOLIO, 1995, p.102)

Podemos afirmar que, também, nas práticas esportivas atuais, o masculino é que contém o feminino. Contudo, a feminilidade não é um espaço autônomo com possibilidades de igualdade, de autogestão ou de independência; é na verdade no espaço esportivo onde se reduz a um modo de pensar um espaço simbólico desenhado desde o masculino. Evidentemente que devido às dificuldades de inferir nesse espaço, a presença feminina, muitas vezes, foi considerada uma transgressão.

CONCLUSÕES

Neste contexto, foi desenvolvido experiência didático-pedagógica referente ao incentivo e reconhecimento das relações entre diversidade e diferença que rodeiam ambos os sexos tanto biologicamente quanto social e culturalmente.

É essencial que haja para homens e mulheres diferentes modelos de conduta a fim de que cada pessoa escolha como atuar independente do gênero, ou seja, que um e outro sexo não sejam obrigados/as a seguir estereótipos masculinos e/ou femininos fixados pela sociedade e para isso devemos atentar a nossa linguagem, comportamento, metodologia, relações, etc.

Os materiais didáticos deveriam proporcionar oportunidade a cada menino e a cada menina refletir sobre sua pessoa e que possam pensar criticamente sobre os padrões que regem a sociedade na qual vivem. Contudo, as questões de gênero e sexualidade podem propor conflitos que não são fáceis de resolver nem na sala de aula e tampouco fora dela.

A co-educação, isto é, a dupla socialização é possível através de ações e reflexões a favor das meninas, dos meninos e adolescentes com a finalidade de desenvolver

integralmente todos os aspectos da pessoa para construção de uma feminilidade e masculinidade que suprima a violência e submissão de homens e mulheres e, que erradique a dominação na construção da ciência, cultura, economia, etc.

REFERÊNCIAS

DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de se transformar meninas em antas. In: ROMERO, E. (Org.) Corpo, mulher e sociedade. Campinas: Papirus, 1995b. p. 102.

FONTE DE FINANCIAMENTO

CAPES/PIBID/UFPR